

NOTÍCIAS PRELIMINARES SOBRE O PROGRAMA ARQUEOLÓGICO DO NORTE FLUMINENSE

Trabalho desenvolvido com o apoio do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural da Secretaria de Ciência e Cultura do Rio de Janeiro e do Projeto Formar (MEC/SPHAN - pró-MEMÓRIA).

ALFREDO A.C. MENDONÇA DE SOUZA

Do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural e do ISCB

CÉSAR AUGUSTO LOTUFO

JOEL COELHO DE SOUZA

MURILO OSMAR COELHO DE SOUZA

Do Centro de Estudos e Pesquisa em Arqueologia Analítica/ISCB-RJ

Iniciado em 1982, o PANF/ISCB ainda encontra-se nos seus estágios iniciais, com muito poucos dados recuperados, razão pela qual a presente comunicação destina-se tão somente a informar a comunidade científica sobre a sua existência e os primeiros resultados colhidos.

A área-programa é integrada por 12 municípios fluminenses, situados entre a margem esquerda do rio Paraíba do Sul e as divisas com o Espírito Santo e Minas Gerais.

A porção ocidental da região caracteriza-se por uma morfologia plana, constituída por planícies quaternárias originadas com o recuo do mar na altura do golfo de Campos e com a erosão e sedimentação fluviais, que formaram extensas praias arenosas atravessadas por vales aluvionais dos rios. Mais para o Norte e Oeste, surge outra unidade morfológica, constituída por serras e morros, formados basicamente por granito e gnaisse, atingindo altitudes em torno de 1.000 metros ao longo da divisa de Campos e São Fidélis.

Já na parte centro-oriental, a sudoeste do litoral, surge um relevo que ora comporta-se de modo acidentado - com morros e alinhamentos montanhosos - correspondentes aos divisores de águas dos rios Muriaé, Paraíba do Sul e Pomba - ora desgastado pela erosão eólica e pluvial, originando topografia compartimentada com morfologia arredondada.

Os vales, que em geral ocorrem ao sul dos municípios de Campos e Miracema e ao norte de São Fidélis, Itaocara e Santo Antônio de Padua, são abertos e de fundo chato. Na área do

reverso da serra do Mar este relevo é mais acidentado, apresentando maiores altitudes, que decrescem em direção ao curso do Paraíba do Sul.

Por fim, na porção oriental e ao norte da região, os relevos apresentam-se compartimentos e arredondados - os "mares de morros" - possuindo elevações dissecadas e patamares cristalinos.

Na costa e planícies litorâneas, predomina vegetação do tipo restinga e mangue, que se modifica ao longo da baixada sedimentar, estabelecendo-se nas maiores elevações da parte central, uma mata secundária, e nas maiores altitudes, a mata atlântica, com manchas de capoeiras nas partes mais baixas.

O clima varia de acordo com a proximidade do litoral e do relevo, indo de tropical quente-úmido com a presença ou não de continentalidade nas áreas serranas.

A combinação destes fatores propicia a definição de vários ecossistemas, segundo padrões litorâneos e interioranos. Assim, tem-se ambientes tipicamente costeiros, como praias, lagunas, lagoas, mangues, e uma grande planície sedimentar, que se estende para a parte mais central - a Baixada Campista - com pântanos, praias fósseis, canais abandonados e canais de maré, estes últimos geralmente associados ao Complexo Deltaico do Rio Paraíba do Sul, com suas 6 variantes de meio ambiente, onde destacam-se os cômoros do eixo Campos-São Tomé e as lagunas truncadas pelas restingas.

DADOS ARQUEOLÓGICOS PRÉ-EXISTENTES

Antes do início efetivo do PANF/ISCB, extensa revisão da literatura e prospecções arqueológicas sistemáticas permitiram a definição, das linhas gerais da evolução da cultura no Norte Fluminense.

Assim, é bastante provável que nesta área se possa constatar, pela primeira vez no Rio de Janeiro, a presença de grupos de caçadores-recoletores não especializados do interior. DIAS JR (1975) registrou a existência de um acampamento de caçadores interioranos no extremo norte fluminense, com artefatos líticos lascados, sobre quartzo hialino, entre os quais, pontas de flechas foliáceas. Também MENDONÇA DE SOUZA (1981) registrou um sítio pré-cerâmico do interior, em Bom Jesus de Itabapoana, a Lapa

Puri-Campos, com enterramentos e lascas de quartzo. Tais evidências, que podem reportar-se ao povoamento inicial do Rio de Janeiro, ainda não são suficientes para um detalhamento do que poderia chamar-se de estágio arcaico do interior fluminense, o qual, conquanto não claramente definido, certamente está presente na região-programa.

Na faixa litorânea e sobre as praias fósseis da Planície Goitacã, numerosos sambaquis foram registrados, desde 1946, por LAMEGO e outros. A sua quase totalidade encontram-se destruída pela extração de conchas para fabrico de cal e calçamentos de estradas, mas foram cadastrados 8 sítios deste tipo, nos municípios de São João da Barra e Campos. Também para as populações sambaquieiras os dados são precários mas permitem entrever grande analogia com os demais sambaquis do litoral fluminense.

À época da ocupação européia, segundo KURT NIMUENDAJU (1944) e MENTRAUX (1926), o litoral, de Campos até o rio Itabapoana, na divisa com o Espírito Santo, era ocupado por grupos Goitacã. Mais para o interior, na área conhecida como planície Goitacã, situavam-se grupos designados como Coroado, os quais, segundo MARTINS (1868) descendiam dos Goitacã, ali estabelecendo seus assentamentos, "travando luta permanente com os Puri" (LAMEGO, 1913), que, vindos do Espírito Santo, estabeleceram-se na porção noroeste da região-programa, fazendo investidas e incursões às áreas dominadas pelos Goitacã. Mais para sudoeste, encontravam-se os Parahyba, que Nimuendaju associa aos Sirianã.

Apesar destas indicações, no entanto, até o momento não foi possível localizar sítios arqueológicos de tradição Una na área da região-programa. Pelo contrário, a frequência maior é de sítios Tupiguarani, pesquisados em sua maioria por DIAS JR (1969). De 18 sítios conhecidos, 12 são da tradição Tupiguarani, fases Itabapoana ou Itaocara, tanto no litoral como na serra, e 6 são de tradição Neobrasileira. Por município, o número de sítios conhecidos, até o momento, é o seguinte:

	SAMBAQUI	TUPIGUARANI	OUTROS*	TOTAL
São João da Barra	5	2	2	9
Campos	3	3	1	7
São Fidélis	-	2	-	2
Bom Jesus de Itabapoana	-	-	2	2
Natividade	-	1	1	2
Porciúncula	-	-	1	1
Cambuci	-	-	1	1
Itaocara	-	4	1	5
TOTAL ...	8	12	9	29

* Neobrasileiros e pré-cerâmicos do interior

DADOS PRELIMINARES SOBRE A 1ª MISSÃO DE PESQUISAS DE CAMPO - 1983

A primeira Missão de pesquisas de campo, recém-encerrada, propiciou a localização de novos sítios, todos de Tradição Neobrasileira, destacando-se o Forno Indígena (Bom Jesus de Itabapoana) e o Sítio Cemitério da Praia de Manguinhos (São João da Barra).

O sítio designado localmente por Forno Indígena, é uma construção do período colonial, provavelmente destinada à queima de cerâmica, ainda com muitos cacos nas suas proximidades, e que foi descoberto, acidentalmente, quando da realização de obras na estrada.

Este forno tem forma paralelepipedal, com 3,35m de comprimento, 1,45m de largura e 1,15m de altura, e situa-se no sopé de um morro, sendo conhecido, também, como Forno Tupinambá. As suas paredes são de barro amassado e queimado, com aproximadamente 50cm de espessura. Na parede da frente há uma boca semicircular, com 50cm de diâmetro, e a face superior apresenta cerca de 45 perfurações com 8cm de diâmetro cada uma, em média. Assim sendo, não se trata de um forno propriamente dito, mas sim de uma grelha, um aperfeiçoamento da técnica de queimar a cerâmica em fogueiras. A madeira seria colocada na parte inferior e queimada. Na parte superior, onde se encontram os furos, as peças seriam postas a cozer, em contacto direto com o ar, o que caracteriza, ainda, queima em atmosfera oxidante. Os pequenos cacos recuperados em associação,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASAL, Manuel Ayres de

1817 Corographia Brasílica, Rio de Janeiro.

DIAS JUNIOR, Ondemar Ferreira

1975 Pesquisas Arqueológicas no Sudeste Brasileiro. Bol. do Instituto de Arqueologia Brasileira, Série Especial, I(1): 1-31.

LAMEGO, Alberto Ribeiro

1913 Terra Goitacã, Rio de Janeiro, vol. I.

1946 O Homem e a Restinga, Serviço de Fomento da Produção Mineral, Rio de Janeiro (Pubs. avulsas, 37).

MARTINS, F. J.

1868 História do Descobrimento e Povoação da Cidade de São João da Barra e dos Campos dos Goytacazes, Tip. de Quirino e Irmão.

NIMUENDAJU, Kurt

1944 Mapa Etnográfico

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça de

1981 Pré-história Fluminense. INEPAC/SECC, Rio de Janeiro,

STEWART, Julian H. (Ed.)

Handbook of South America Indians, Smithsonian Institute, Bureau of American Ethnology, bulletin 143, vol. 1, "The Marginal Tribes".

de antigas construções. A Vila foi fundada por PERO DE GÕIS, donatário da Capitania de São Tomé, em 1538, que a localizava, segundo carta que enviou a Martim Ferreira em 18.08.1545, "na extrema faixa costeira, entre os rios Paraíba e Itabapoana", definição muito ampla que propiciou a discussão que até hoje se mantém sobre a sua real localização. Foi pela Vila da Rainha que a cana-de-açúcar centrou no Rio de Janeiro, mas o povoado foi destruído duas vezes, pelos Goitacá, em 1542 e em 1546, quando foi definitivamente abandonado.

De acordo com AIRES DE CASAL, a região teria sido palco de grandes conflitos, tanto entre o branco colonizador e o índio, como entre estes mesmos brancos e os primeiros negros trazidos, na condição de escravos, para trabalhar na região.

O fato de não ter conseguido delimitar uma área de sepultamento, associado aos demais restos diretos, que iam surgindo "amontoados", de qualquer maneira, leva a que se suponha tratar-se de uma cova coletiva, onde foram sepultados indivíduos vítimas por lutas ou epidemias.

Vem reforçar esta abordagem, o fato de que a maioria dos moradores designa o local por Cemitério de manguinhos, porque ali, segundo seus relatos, em períodos de cheia oceânica, é farta a coleta de crânios e outros restos esqueléticos, expostos pela ação do mar, que invade o local removendo a areia e expondo os restos humanos. Talvez por esta razão, a tradição oral local é categórica: "em Manguinhos os portugueses abriam grandes valas e nelas jogavam índios e negros por eles massacrados".

Tais assertivas, no entanto, ainda estão longe de ser demonstradas arqueologicamente, o que se espera obter na próxima missão de pesquisas, ainda em 1983.

AGRADECIMENTOS

Desejamos, aqui, registrar nossos agradecimentos à Professora SHEILA MARIA FERRAZ MENDONÇA DE SOUZA, que fez o exame preliminar do material ósseo, e a VLADEMIR JOSÉ LUFT, CARLOS XAVIER e a MARCUS VINICIUS DE M. CORRÊA, que participaram da etapa de campo, e a ISMAR CARVALHO e JÚLIO CÉSAR RIBEIRO SAMPAIO, que auxiliaram na revisão da literatura, todos do Instituto Superior de Cultura Brasileira.